



# A esquizofrenia do fascínio chinês



**Contrastes.** A China é 'cortada' em duas: muito miserável e muito rica ao mesmo tempo

A China fascina. Sob os olhos do mundo a um só tempo hipnotizado e atônito, esse país que representa um quinto da humanidade (1 bilhão e 300 milhões de seres humanos) realiza desde 1978, há 30 anos portanto, um epopeia surpreendente: a cada ano seu crescimento progride 10%.

Como se ficou sabendo na quinta-feira, no primeiro trimestre de 2010 a China registrou, em escala anual, um crescimento de 11,9%. E a crise? Ela não tomou conhecimento? Ela não foi avisada que o mundo está em crise? Esses números são disparatados. Ainda mais quando a renda média de cada chinês continua irrisória: em US\$ 6.546 anuais, essa renda média se situa entre a da Ucrânia e a da Namíbia. E é essa nação de pobres que interpreta os principais papéis no mecanismo econômico do mundo.

A China sofre de esquizofrenia. Ela é "cortada" em duas: muito miserável e muito rica ao mesmo tempo. Os países estrangeiros ficam ofuscados. Um dirigente africano disse recentemente: "Deixem de se apresentar, segundo seus interesses, ora como um país subdesenvolvido, ora como um país superdesenvolvido. Escolham: sejam pobres ou sejam ricos!"

**Banqueiro do mundo.** A China se tornou incontornável. Melhor: ela ocupa, junto com os Estados Unidos, o centro do sistema econômico mundial. Ela não só conseguiu, vendendo brinquedos de má qualidade, se dotar de uma indústria vasta, sólida e diversificada (incluindo aí a produção de carros, aviões, armamentos etc.), mas ocupa cada vez mais o lugar de "banqueiro do mundo".

Ela é a maior compradora de títulos do Tesouro americano. E os Estados Unidos, que acumulam déficits orçamentários abissais, não poderiam dispensar essas compras chinesas para financiar sua dívida. Essa aju-

da chinesa ao dólar é uma "droga" venenosa que se propaga implacavelmente pelas veias da economia americana. Os Estados Unidos estão "drogados" de China. Eles estão viciados. Perigo! Pouparamos o leitor das avalanches de cifras que os jornalistas despejam sobre suas cabeças a propósito da China: esse país se tornou a segunda ou terceira economia do mundo. Ele é o maior exportador mundial após destronar a Alemanha. Ele tem um cofre-forte repleto de dólares, centenas, milhares de bilhões de dólares. Ele é o maior produtor de automóveis (13,5 milhões de vendas de automóveis em 2009, ante 10,4 milhões nos Estados Unidos), etc.

**Subvenção mascarada.** Interrogue-mo-nos antes sobre os caminhos seguidos pela China para realizar tantas proezas. Um desses caminhos é conhecido: a subvalorização do yuan.

A moeda chinesa, que na China é conhecida também como renminbi, está fixada em 30% (alguns dizem 50%) abaixo de seu valor real. As exportações chinesas, estimuladas por essa subvenção invisível e enorme, disparam: mais de US\$ 198 bilhões em 2009. Todos os países do mundo, os EUA à frente, suplicam para a China deixar o yuan valorizar.

Ninguém duvida de fato que essa subvalorização constitua uma arma temível. Um yuan fraco é uma subvenção mascarada. Mas esse yuan artificialmente baixo, que será aliás inevitavelmente "revalorizado" em breve, não é a única razão para o desempenho chinês; Burkina Faso ou Honduras podem perfeitamente desvalorizar suas moedas que não se tornarão banqueiros do mundo. Ademais, em vez de voltarmos pela milésima vez à questão (fundamental, é verdade) do yuan, gostaríamos de examinar as estratégias que permitem à China disparar na frente desde as reformas liberais de Deng Xiao Ping, em 1978.

O primeiro trunfo da China é a China. O grande número. Mas uma prolifera-

ção demográfica sem freio se transformou em um veneno. Ora, há 50 anos, uma política feroz e cruel de limitação dos nascimentos estabilizou a população. Elogiemos, de passagem, uma das forças da China: há 30 anos que seus dirigentes mostram uma sabedoria, uma constância, uma habilidade sem paralelos nos outros continentes.

Segundo trunfo: essa população está habituada a desgraças prolongadas, a colonizações e opressões injustas. Ela extraiu virtudes disso: a austeridade, a resistência, a coragem, mas também um nacionalismo furioso que permite a cada indivíduo ir até o fundo de seu sofrimento, de seus sacrifícios, pela grandeza da nação. Outros trunfos: inteligência viva e pragmatismo. Nada de ideologia. Prática.

**Fraquezas.** É fascinante observar a maneira como a China invadiu mercados estrangeiros. Montada em suas montanhas de dólares, ela os utiliza com largueza e com frieza. Ela utiliza

## Os Estados Unidos estão "drogados" de China. Eles estão viciados

seu tesouro para criar "cabeças de ponte", isto é, mercados futuros para suas quinquilharias e para seus produtos sofisticados. Dar um giro pelo mundo detectando as aplicações de capitais chineses seria instrutivo, mas exigiria um artigo de pelo menos mil páginas, e o leitor ficaria cansado (e eu também, aliás).

Para onde se dirigem os investimentos chineses? Eles são modulados segundo as particularidades de cada país. Os investimentos financeiros vão naturalmente para os Estados Unidos (US\$ 21,3 bilhões no ano passado), Inglaterra e Austrália. Mas a China tem um fraqueza (como o Japão). Ela é pobre em matérias-primas. Consequência: os investimentos no resto do mundo visam a esse item. Os contratos se concentram em

energia e matérias-primas (Argélia, Líbia, Arábia Saudita, Nigéria). Eles são combinados com os transportes.

Enfim, nos países pobres em matérias-primas, a China investiu na agricultura. Em todos esses casos, duplo benefício: primeiro alimentar de energia, matérias-primas e produtos agrícolas, o insaciável maquinário chinês. E, para o futuro, tornar esses países dependentes da China. Portanto, uma ação com dupla temporalidade: imediata e a longo prazo ao mesmo tempo.

Um exemplo? No Afeganistão, a 30 quilômetros de Cabul, a capital desse país mergulhado no caos e na guerra, fica a mina de cobre mais rica do mundo, Aymak. Em 2007, a China Metallurgical Group Corporation (MCC) ofereceu US\$ 3,4 bilhões pelos direitos de exploração (US\$ 1 bilhão a mais que seus concorrentes americanos, canadenses, europeus ou casques).

É o maior investimento da história do Afeganistão: milhares de empregos para os afegãos, maior arrecadação fiscal para o governo Karzai. Além disso, a MCC vai construir também uma central elétrica de 400 megawatts, abrir uma mina de carvão, uma ferrovia, escolas e mesquitas. Um grande pacote. E a guerra contra o Taleban? Os chineses estão pouco ligando. Não é problema deles. Para eles, a questão é dólares, matérias-primas, fábricas.

O Afeganistão não é uma exceção. Os capitais, os executivos, os engenheiros chineses se espalham pelos cinco continentes. Eles fervilham na África. São encontrados no Canadá, na Bósnia e na Grécia. No Nepal, na Venezuela, em toda a América Latina, ao ponto de Lula ter deplorado que o Brasil está perdendo parte do mercado argentino para a China ("Isso está se passando embaixo de nossas barbas", disse Lula). No Caribe (Cuba). Em todos os países árabes. Na Suécia.

Na Ásia, a China preme todos os botões, aciona todas as alavancas. Ela criou, no fim de março, um "fundo de reserva regional", um "FMI" asiático, financiado por US\$ 120 bilhões sobretudo por ela própria. O objetivo, fazer com que a região da Ásia-Pacífico, até aqui voltada para os Estados Unidos apenas, se volte para a China. Trata-se de uma verdadeira "revolução copernicana", o "sol" do sistema mundial deslizando do Ocidente para a Ásia. Melhor ainda: Pequim se esforça para fazer do yuan um concorrente do dólar. O yuan já é uma divisa comercial entre os países do Sudeste Asiático e duas províncias chinesas fronteiriças com esses países, Yunan e Guangxi. No fim de 2009, Pequim emitiu em Hong Kong sua primeira oferta de obrigações internacionais (um passo para a transformação do yuan numa divisa internacional livremente conversível).

**Potência científica.** É igualmente apaixonante notar que a efervescência ofensiva, sustentada pelo tesouro "das mil e uma noites" que ela possui em seus cofres, é acompanhada por um componente cultural. Nascidos em 2004, os Institutos Culturais Confúcio teceram sua malha nos cinco continentes, e sempre à sombra dos investimentos econômico-financeiros. Por toda parte, os jovens estão ávidos para conhecer a língua chinesa, conscientes de que ela será indispensável dentro de alguns anos. Toda a juventude da Argélia está estudando o idioma chinês.

Ao mesmo tempo, desenvolve-se na própria China a formação dos futuros engenheiros, comerciantes, financistas, parte dos quais emigrará para longe. Os números são opressivos. Em 2000, a China contava 5 milhões de estudantes. Hoje, eles são 25 milhões. Há 1.700 estabelecimentos de ensino superior, 211 dos quais são "escolas de elite". A China quer se tornar, e já é, uma grande potência científica. Dentro de alguns anos, ela será o segundo pólo científico do mundo. Ela pretende suplantar os Estados Unidos em 2020.

E sempre esta lei: a ciência faz parte da economia. Um exemplo: no momento em que os Estados Unidos hesitam em se reengajar na conquista da Lua, a China se prepara para isso. A justificativa? Ye Zilli, da Sociedade Chinesa de Ciência Espacial, ironiza: "Não será para recolher um punhado de pedregulhos como os Estados Unidos". Não! Será para encontrar novas fontes de energia, por exemplo de hélio, e daqueles minerais raros que a indústria moderna tanto cobiça.

Será o caso então de considerar que a China já ganhou sua aposta fabulosa? Que ela se equipara ao pode-

## A China é presa de sua confiança desmedida na própria genialidade

rio dos Estados Unidos? Que seu ímpeto é irreversível com o risco de criar um desequilíbrio mortal no mundo? Muitos editorialistas americanos passam essa ideia.

Embasbacados, confusos, maravilhados ou desesperados, eles não veem como a China não varreria todos seus rivais.

Calma! Calma! Há 29 anos, o Japão se tornava a segunda potência econômica do planeta. Ele enlouquecia o resto do mundo. Sabemos o que veio depois. Hoje, a China empreende os mesmos caminhos. E padece também das mesmas fraquezas e, à primeira vista, daquela arrogância que incomodava no Japão. A China é presa do que os antigos gregos chamavam de "húbris", uma espécie de confiança desmedida na própria genialidade.

E há, ainda por cima, o risco do "superaquecimento" com uma inflação que poderá escapar de todo controle e quebrar muitas engrenagens. Os projetos faraônicos de infraestrutura (trens de alta velocidade, barragens infinitas, centrais nucleares fenomenais) são acompanhados por expropriações massivas e demolem a sociedade. A seca devasta províncias inteiras. O Mekong se tornará talvez um suvenir de rio.

Há também o inverso do "milagre": os empregados e operários estão cada vez mais reticentes em aceitar salários miseráveis, no momento que as façanhas chinesas são evidentes e alardeadas ruidosamente. E há aquele perigo, verdadeira "granada sem pino": os habitantes das cidades ganham 3,3 vezes mais que os do campo (em 1983, a diferença era de 1,8 vez apenas). Uma explosão social poderia incendiar o gigante chinês, dividindo em dois, cidades contra campo.

Outro perigo: a despeito da "polidez" chinesa, os engenheiros e comerciantes chineses nos países estrangeiros irritam com frequência os autóctones com seu autoritarismo e seus desprezos. Por exemplo, os chineses são considerados "colonizadores" no Sudeste Asiático (Camboja, Mianmar etc.).

Todos esses perigos são reais. Os homens de Pequim os conhecem. Pode-se supor, portanto, que saberão preveni-los, com o risco de desacelerar o ritmo da alucinante cavalcada econômica.

Pode-se confiar em sua engenhosidade, em sua vontade, em sua arte da contradição, do paradoxo, da mentira e da ilusão: um país que, há 30 anos, continua comunista enquanto se expurga de toda ideologia e se entrega sem reservas às delícias e aos venenos da economia de mercado, do liberalismo mais desabrido, é um país em que se pode confiar, talvez não no plano moral, mas, em todo caso, em termos de prudência, de eficácia e de controle dos próprios triunfos.